

A SAUDADE

JORNAL DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ.

Vol. III.

Domingo 19 de Outubro de 1856.

N. 8.

LITTERATURA.

Paginas Intimas.

VIII.

ESTUDOS HISTORICOS

I.

VIRIATO.

IX.

A acção de Viriato, a sua estrategia, deixou Vetilio mergulhado em profundas reflexões. Desejoso de obscurecer a honra que resultava a Viriato do seu ardil, caminhou para Tribola com toda a gente de que podia dispôr, além dos Andaluzes que encontrava em seu caminho. Os Romanos tinham muita confiança n'estes habitantes de Hespanha, porque pelejavam com a mesma destreza e tenacidade que os Luzitanos, o que não acontecia aos primeiros por causa de suas pesadas armas, e porque eram forçadas a combater a pé firme. Vetilio porém enganava-se; longiam os tempos em que os Lusitanos batendo-se desordenadamente, confiavam muito em si; agora as scenas tinham-se mudado. Viriato commandavos-os, e á frente d'elles os Romanos achal-o-hião sempre dispostos e previnidos para recebê-los. Neste presuposto Viriato aguardou o Pretor na passagem de umas serras asperas, que formando entre si um vale plaino e espaçoso, o cercavam com duas entradas extremamente estreitas por onde era difficil a passagem a mais que dous homens de cavallo. Foi nesta posição que o heróe Lusitano esperou Vetilio. Facilitou o vale e as entradas, emboscou a sua gente nas penedias, com tal ordem e silencio que as avançadas dos Romanos nada puderam perceber. Convencidos de que estes lugares lhes eram propicios para descaçarem, penetraram no valle, e começaram por tirar as sellas e os freios dos cavallos, o que feito se deitaram os Romanos com todo o socego. Os Lusitanos ardiavam em desejos de entrar em batalha. O astuto capitão, comprehendendo

estas boas disposições mandou arremetter, e em um momento os gritos, e o tenir das espadas e das lanças echoou pelo valle. A confusão entre os Romanos foi extrema.

Procuraram a fuga como unico meio de salvação, mas estava destinado que Viriato vingasse desta feita a traição de Galba. O proprio Pretor, que tinha dado o exemplo da desordem, pagou com a vida a sua louca temeridade. Feito prisioneiro por um Lusitano, contava ao menos com a vida, porém o seu *brutal* perseguidor achou-o velho e obeso de mais, e com um stoicismo digno dos Espartanos disse :

Para que me serve este traste ? Vendel-o ; não dará nada, obriga-o a acompanhar-me como escravo, servir-me-ha de embarço porque o terei de carregar algumas vezes ; assim matemol-o. E Vetilio pagou o seu tributo de morte.

Paulo Orosio empresta aos Lusitanos um expediente de que não lançaram mão ; diz que os Romanos foram passados a cutelo, quando Apiano e Raymundo desmentem esta asserção.

Segundo Apiano, quatro mil Romanos ficaram no campo da batalha, não contando com os Andaluzes para quem os Luzitanos foram sem piedade. Indignavam-se que esta provincia se armasse em favor d'aquelles que tinham vindo para a escravisar, quando as circumstancias e o seu dever era formar causa cummum com os primeiros. A causa era santa e nobre ; todos combatiam pela independencia do seu paiz — pela liberdade.

Hajam embora historiadores que pretendam contestar o direito que lhes assistia, empregando para isso argumentos que a mesma ordem natural das cousas destroe, hajam muito embora espiritos mesquinhos que attribuem a Viriato as idéas sanguinarias que tornavam Galba tão notavel, os mesmos historiadores Romanos, aquelles que gozavam de toda a confiança dos *Consules*, são unanimes em declarar que Viriato jamais consentia que seus soldados rompessem em excessos que podessem servir de desdouro ao nome que traziam... O Questor com um numero insignificante de Romanos, pode escapar a salvo, recolhendo-se á cidade de Carpeso. Ali e em segurança tratou de chamar nova gente ás armas. Os

Celtiberos, alliados e amigos dos conquistadores enviaram-lhe cinco mil homens, os quaes com seis mil Romanos, tudo commandado por aquelle se pozeram em campo contra Viriato.

O Questor que attribuia o feliz successo do primeiro mais ao ardil que á coragem dos seus soldados, offereceu-lhe batalha convencido de que sahiria vencedor. Enganou-se; Viriato acolheu-o com tão boas disposições, que assevera-se não ter escapado um só dos doze mil inimigos! Os despojos foram immensos, Viriato pouco ambicioso e combatendo pelo muito amor que tinha á sua terra, guardou para si bem pequena parte. Os seus soldados participaram de tudo com uma igualdade pouco commum ao espirito da epocha, em que os generaes ou capitães procuravam enriquecer-se á custa de muitas victimas indeffezas e innocentes. Havia outra cousa em Viriato. Do pouco que guardava para si, repartia-o quasi sempre por aquelles que tinham obrado accões de valor durante a batalha, e como este precedentes despertavam os brios dos mais ousados, segue-se que o heroe Luzitano era sempre o pobre pastor de outro tempo...

(*Continúa.*)

XAVIER PINTO.

Mathilde.

POR A. XAVIER RODRIGUES PINTO.

(*Continuação.*)

Carlos estava indeciso; a franceza exprimia-se com tal convicção que não permittia a duvida, mas naturalmente desconfiado e prevenido elle vacillava.

Adelaide que adivinhou talvez o que se passava no espirito de Carlos, faz um gesto de afflicção tocante, sorrio-se com resignação, e deixou pender a cabeça sobre o peito. Dir-se-hia que era a ré escutando o seu juiz.

Madame, disse o mancebo por fim, agradeço-lhe a confiança que depositou em mim — acredito-a, e d'aqui em diante saberei respeitá-la procurando também fazer com que a respeitem. Cedi ás informações d'alguns despeitados, a culpa não é minha, porque foram elles que se encarregaram de prevenir-me.

Apenas isso? perguntou Adelaide levantando o bello rosto, nos olhos do qual Carlos vio brilhar duas lagrimas.

Que deve esperar de mim, a não ser isto?

O que devo esperar?... o que pretendo? tornou ella com energia; mas não sabe que o amo, e que a sua frieza me mata?...

Perdão, Madame, disse Carlos, as circumstancias são bem crueis, para que tratemos dessas puerilidades.... Eu lhe peço, responda se pôde ao meu pedido de ha pouco.

Amo-o... amo pela primeira vez, e este amor tem sanctificado o que havia em mim de mau. Amo-o até dar a vida por si, Sr. Carlos... Comprehende que para uma mulher como eu, este amor deve ter consequencias,...oh! é a minha vida, o meu tudo!...

Escute-me ainda: Antes do nosso encontro na matta eu já o amava, uma esperanza fagueira me dizia que este amor seria partilhado. Procurei chama-lo a minha casa para me conhecer, e convencer-se por seus proprios olhos que eu era calumniada... Soubes que o Sr. responderá a alguém que jámais transporia os hombraes de minha habitação, inspirava-lhe desprezo tudo que partia de mim, e chegou até a roubar-me a affeição de uma joven que amava como filha. Nada d'isto porém diminuiu o meu amor. O acaso levou-me á matta, ouvi tudo o que dizia a Lourenço, e durante esse tempo eu soffria angustias mortaes. Quando porém chegou o momento em que o Sr. insultava uma mulher no que tem demais precioso a honra, não pude suster, e appareci! Ah! eu inspirava-lhe um desprezo tal, que continuou a lançar-me doestos e injurias. Acredite-me Sr. Carlos, se o meu amor não fosse tão violento, se não fosse verdadeiro, eu procuraria vingar-me, porque quando a mulher é ferida em seu orgulho ella rompe todas as conveniencias que a ligam á sociedade, e vinga-se. D'ahi em diante prometti a mim mesma acabar com tudo que pudesse lembrar a Adelaide d'outra ora. Fechoi as portas da minha casa, despedi todos aquelles que me faziam a côrte, recolhi-me á vida intima e sosegada, esperando sempre que o tempo destruísse apprehensões. Se o conseguí ignoro-o, consola-me porém a idéa de que lhe disse tudo, e que n'esta confissão tive unicamente em vista o meu amor e o meu futuro...

Não ignora que amo outra, respondeo Carlos, sabe que este sentimento é também a minha vida o meu tudo, já vê que não posso acceitar o seu.

Mas Luiza foi raptada, e Lourenço... Ah! confessa por fim que teve parte n'esse pacto? disse Carlos com indignação!... Perdão Sr. eu amava-o tanto!... tornou a franceza, arrastando-se aos pés de Carlos, que pretendia sahir.

Levante-se, madame, nada mais lhe posso dar que o meu desprezo.

Perdão, perdão, prosseguio Adelaide abraçando-se com os joelhos de Carlos; mate-me, mas não me acabrunhe com essa frieza... vamos eis-me a seus pés, serei sua escrava, irei para onde o Sr. mandar, farei tudo quanto quizer, mas perdoe-me. Oh! Sr. Deos é testemunha de que não pretendia causar-lhe o menor mal!

pensei que Lourenço... mas sempre a mesma impassibilidade, nem uma palavra sequer de compaixão!... E com effeito Carlos cruzara os braços e deixára Adelaide abraçar-se-lhe nos joelhos. Um sorriso de desprezo e ironia pairava-lhe nos lábios, dir-se-lhia que era a estatua viva da maldição!...

A franceza estava sublime de dôr e afflicção! As lagrimas, a sua pallidez, a sua attitude, a expressão que dava as suas palavras, tudo n'ella causava dô!... Oh! era preciso que esta mulher amasse muito para arrastar-se aos pés de um homem que lhe lançara em face os mais crueis sarcasmos!...

Carlos continuava na mesma posição, e a franceza arquejante, fazia esforços inauditos para obter d'elle uma só palavra que a absolvesse do seu erro.

Simple falta para uma mulher que ama até a loucura; e vê outra arrebatá-la a partilha d'esse amor!

Perdão, Carlos, perdão! tornava Adelaide com uma inflexão de voz dolorosa. Já não lhe peço que me ame, prosequio ella, mas ao menos conceda-me a dita de morrer ao seu lado... desprese-me... cubra-me de doestos e injurias, mas consinta que viva com o Sr. E' bem pouco o que lhe peço... Verá como estarei prompta para obedecer-lhe, verá quanta dedicação ha em mim... e depois. depois talvez que obtenha do Sr. um olhar que poderá compensar o muito que soffro e tenho soffrido!...

Adelaide levantou-se e lançou a Carlos um olhar respassado de tanta doçura e tristesa, que este ficou commovido.

Pesavam-lhe os soffrimentos d'esta mulher, comprehendia-os, mas o seu coração repellia qualquer palavra, que podesse revelar o sentimento. A ferida porém era profunda de mais para que tão depressa cicatrizasse, por isso esse signal de commiserção foi rapido.

Madame, disse elle, com vós pausada e solemne, de hoje em diante tudo acabou entre nós; nem uma palavra sequer que indique os poucos momentos que estivemos a sós. Inspirar-me-ha sempre o mesmo desprezo, porque contribuiu para uma acção infame, que será o desgosto mais cruento da minha vida.

Oh! eu amava tanto a Luiza, que perdoaria ao assassino de meu pai se m'a apresentasse pura como sahio da casa do seu!

O meu amor era nobre como era nobre a mulher que o inspirou; trocal-o por aquelle que me offereceu... ah! pode accaso o prazer compensar o outro!...

Adeos, madame, não lhe perdôo nem lhe perdoarei jámais, e deixando-a deixo-lhe o remorso de ter contribuido para a deshonna de uma menina, e para a desgraça d'aquelle que podia res-

peital-a como mulher, entretanto que não posso dar-lhe mais que o meu desprezo!...

E acabando de pronunciar estas palavras, sahio arrebatadamente.

Adelaide, desvairada, pretendeu acompanhá-lo mas as forças faltaram-lhe e cahio no chão, dando um grito agudo e penetrante.

(Continúa).

Enlevos.

Não é de hoje, não é d'esta época que existe e se emprega a ambição em grande escala, caminha a par do tempo desde muitos seculos, e o ser-se parente, ainda o mais chegado não é ser isento de soffre-la, ou emprega-la; não precisamos voltar a Caim, e a Abel, depois d'estes tem havido muitos! Mas com quanto tenhamos sciencia de que isto é verdade, sempre que temos a fallar d'esta verdade, se nos arrepiam as carnes, se confunde nosso espirito! Sempre nos pareceu que os parentes deviam ajudar a seus parentes, que n'isso estava um modo de proceder agradável a Deos, e aos homens. Desgraçadamente nós vêmos n'esta época parentes ricos, ou com essa fama, perseguirem os parentes de poucos teres, com um cinismo inexplicavel! não os quererem ver, nem os terem perto de si, buscarem destruí-los por todos os meios!... São um circulo de ferro que se vai apertando, até esmagá-los, e a antecipada idéa de que o hão de conseguir os traz consolados! Fraqueza humana que busca só consolar-se, e consolação tambem existe no conseguimento d'uma perversidade! Mas quasi sempre succede que quando um parente persegue outro, não obra só pela sua inspiração; todo o homem tem um amigo com quem consulta e combina seus actos, se sempre sesae bem, liga-se de tal modo a esse amigo que se entrega todo a elle, fica sendo o seu tudo, o seu oraculo. Esse amigo pensa um dia na influencia que tem sobre o outro, reconhece que póde dispôr d'elle d'um modo favoravel a si, se o destino quizer, só não póde contar com o destino, mas acredita que lhe será favoravel, prepara o mais; dê-se o caso que se falla d'um irmão rico, que tem outros irmãos em quaesquer circumstancias, estes irmãos são-lhe um obstaculo, dando-se com elle, e presentes. Que fazer?: Promover a discórdia, e esta bem manejada brotará a perseguição. Estes homens são perigosos na sociedade, no entanto que ha muitos! Esses tornados authormatos, não se lembram das intenções dos seus oraculos, tal é a confiança que n'elles tem, confiança que a tantos tem sido fatal. Se em lugar d'esses oraculos nós consultassemos nossas consciencias, essas dimanações de Deos, (em seus

principios mas que os actos corrompem) que melhores não seriam nossos actos! Parentes ajudando-se reciprocamente, juntos recordando suas familias! que felicidade, mas ha quem prefira lagrimas, perseguições, a troco de remorsos, e vituperios colhidos nas recordações e na sociedade!!!
(*Continúa.*)

Outubro 13 de 1856.

I. J. BARBOSA DE CASTRO

● Dominó Encarnado.

POR

XAVIER DE MONTEPIN.

Traduzido

POR

D. A. MACIEL DO AMARAL.

II.

AS DUAS MULHERES.

Aos raios abrazadores do sol Italiano, havia succedido a brisa do Adriatico com sua deliciosa frescura. Myriadas de gondolas cingravam os canaes na direcção do porto, procedentes de Fusina, ou das ilhas contiguas. Era porém, sobre tudo ao longo do grande canal bordado pela praça de S. Marcos, que se viam resvalar os barcos mais sumptuosos, cheias de trigueiras Venezianas.

As gentis *signores* sorriam-se ao passar, retribuindo com um olhar gracioso, ou com um secio movimento de leque ás saudações e comprimentos dos galantes senhores que faziam manobrar suas gondolas em cerca dellas.

Entre estes ultimos distinguia-se D. Camillo. Ia embarcado n'um batel preto, cujos labores maravilhosos realçavam ainda douradoras d'um gosto exquisito. Seis pretos maniavam os rémos. Trajavam jaquetas brasonadas com as suas côres. Anéis de prata macissa brilhavam em seus pescoços, em seus pulsos e nos tornozellos. Camillo não ia sentado. Em pé, n'uma attitude negligente e talvez um pouco pretenciosa, apoiava-se no pavilhão de sua gondola cujas cortinas estavam abertas. Com a mão esquerda segurava uma guitarra e com a direita brincava com uma pequena mascara de veludo, suspensa por uma fita de sêda a uma casa de seu gibão.

Perto do conde ia igualmente em pé um manco que por seu traje brasonado, como os dos negros, se reconhecia por subalterno, mas cuja

attitude ao mesmo tempo familiar, revellava um desses creados privilegiados e favoritos. Chamava-se Grizzo, era o guarda-roupa, o confidente e a alma precita de Cavalcanti. Havia quasi uma hora, que a gondola de que tratamos, percorria a Giudecca em todos os sentidos, quando Camillo, que parecia absorto por suas reflexões ergueo a cabeça — Grizzo.

— Signore! Respondeu o creado levando a mão á sua gorra.

— Ao porto...

Grizzo transmittiu esta ordem aos remadores, e a gondola deslisou rapida e silenciosa, com esse movimento d'oscillação fantastica produzido pelo continuo vai-ven das pequenas vagas que se quebram contra as calçadas. Ao sahir do canal o escaler de Camillo atravessou em frente de um desses bateis, em redor dos quaes só tem stacionar as gondolas de frete. A praça estava então deserta; só uma rapariga collocada no ultimo degráu, parecia esperar a volta de um dos barcos destinados ao serviço publico. Se bem que vestida com muita simplicidade, esta moça era encantadora. Trajava uma saia curta de côr carregada, uma mantilha preta lhe envolvia o corpo, terminando por um capuz que podia, quando assim aprouvesse esconder o rosto, porém, que descido para traz neste momento, deixava patentes um rico cabello castanho escuro, e um rosto delicioso. Camillo era entendedor, porisso deu logo ordem ao creado para fazer amainar o movimento dos remos, apenas beirou pelo batel, chamou Grizzo. — Reparas-te na quella rapariga? lhe perguntou. — Sim Senhor. — não achas que é linda? — Encantadora; Senhor. — Conhecel-a.

Oh Signore, eu sei de côr todas as virgens estouvadas da nossa cidade, mas relativamente as que fazem profissão de sisudas e de severas o caso é outro! Além disso, se V. S. deseja conhecer esta rapariga basta proferir uma palavra, e conhecel-a-ha esta noute.

— Per Bacco! Isso pouco me importa, todavia, faz o que quizeres.

Grizzo disse algumas palavras aos negros que fizeram n'um instante virar de bordo a gondola, e atracaram proximo do batel em que a rapariga contiuvava a esperar. Grizzo saltou em terra, confundiu-se por entre os grupos dos passeadores, sem todavia perder de vista a coitada que permanecia tranquilla e calma, como a perdiz que não suspeita a chegada do sabujo. — Ao palacio Fornazari! disse Camillo, apoz admirar de novo as lindas feições da pequena Veneziana illuminada pelos raios da lua que faziam realçar sua alva e aurea cutis. A gondola partiu como uma flecha. — Cantai! Acrescentou Comillo. E os barqueiros, elevando a voz em côr, fizeram ouvir uma dessas barcarollas predilectas dos pes-

cadores das lagunas e de que cousa alguma poderia exprimir a magica e doce harmonia, de de noute, em mar de bonança. Durante estes des-cantes a gondola tinha atravessado diversos canais, quasi desertos. De repente com um movimento retrogrado dos remos, parou ante um palacio de bella apparencia.

Tudo em roda era silencio ; tibia luz bailhava apenas no primeiro andar em uma das janellas vendadas por uma gelosia. Camillo travou de sua guitarra, afinou-a e pôz-se a cantar *amoroso* um romance de sua composição, a voz do Veneziano era agradável ; na sexta copla uma sombra interceptou a luz do interior, abriu-se a janella, uma mãosinha alva suspendeu a gelosia, que tornou a cahir, logo que o cantor foi reconhecido e a janella fechou-se com tal vivacidade que denotava senão cholera, sequer impaciencia. Camillo cantou ainda duas ou tres coplas e apoz receando que o fresco da noute o endefluxasse, ordenou a seus gondoleiros que remassem para a sua habitação. Havia já entrado depois de alguns instantes tinha mudado sua roupa de aparato, por um sumptuoso roupão, e se deitando sobre um divan saboreava um sorvete de marrasquino, quando batteram de leve a porta. — Entra ! disse elle. Ah ! és tu, Grizzo ? — Eu mesmo, signore. — Soubeste alguma cousa. — Muitas signhor. — O nome da rapariga ? — Pepita, sua idade ? Desesete annos. — Onde mora ? — Proximo á igreja da Madona das flôres. — Diz-me, é dessas virgens estouvadas, servindo-me de tua expressão pittoresca ? — Casta como abemaventurada Gizelda, virgem e martyr, minha padroeira. Mora em uma casinhola, sózinha com seu pai velho soldado invallido paralytico e cego. Trata delle constantemente, e sai tão poucas vezes que é um milagre del-a encontrado esta noute. Demais a mais, tem um amante, que segundo dizem vai casar com ella. — Um pescador, ou gondoleiro. por certo ?

— Não se sabe, e é a unica singularidade da vida desta moça ; quando vem em casa della é sempre mascarado. — Ah ! — Veste-se, de resto, como um homem do povo, e não se comprehende esta prevenção de occultar o rosto ao menos para taes entrevistas. — Excitas minha curiosidade, Grizzo ? Quem poderá ser esse meu rival ? Vosso rival signore ? — Sim. Não comprehendes que é preciso que esta rapariga me pertença ? — Perdão, signore, mas isso me parece impossivel ! — Impossivel ! como assim ? ! estás louco, Grizzo ! Impossivel a comillo Cavalcanti... — Estou louco, indubitavelmente, se tal é a opinião de Vossa Senhoria ; porém creio que é precisamente por serdes o mais esplendido fidalgo de Veneza, que esta conquista offerece insuperaveis difficuldades. Vosso esplendor assustará a pequena ! Não tereis ingresso na casa !...

Ha um vislumbre de razão no que dizeis ; as-

sim, trata de arranjar-me um vestuario completo de pescador. — Sereis satisfeito signore.

No dia seguinte ao meio dia, uma gondola muito simples, ainda que ostentando na prôa um escudo excedido por uma corôa de barão, parou ante a escada do palacio Fornazari, e um joven, transpondo os degráos, entrou rapidamente no interior do pateo. — A Senhora é visivel ? perguntou a um creado. Sim, signore, respondeu este ultimo. E depois de haver introduzido o mancebo n'um elegante salão, deixou-o para ir prevenir sua ama. Este visitador era um Francez idade de 28 annos, de media estatura, de figura e maneiras distinctas. Seus olhos eram pretos ; seus cabellos da mesma côr, feriam a vista com sua cutis toda alva como a de uma mulher. Trajava com elegancia as modas da côrte de França, era espirituoso, bom jogador, amava singularmente Paris, para onde teria regressado, se o amor o não retivera em Veneza, onde tinha vindo por curiosidade com uma embaixada. Tendo deparado em uma festa com Helena Fornasari, viuvinha de dezenove annos. Jorge, Barão de Chivri (tal era o nome do cavalleiro francez) tinha-se enamorado della, arriscara uma declaração que se escutou com a maior indulgencia, e a final, passado algum tempo, se viu retribuido em demazia, Helena era independente, e portanto não previa obice algum á sua união como barão : não tendo porém fechado a epocha nem publicado estes enlace, com apprehensões de que o resentimento de seus innumeros apaixonados, não produzisse a Jorge alguma estocada, ou que era peor uma punhalada. — A senhora aguarda a Vossa, Senhoria disse o creado reaparecendo, e abrindo ao barão a porta do camarim mais delicioso, que é possivel imaginar. Figurai uma peça oval, com o tecto em forma de cupula pintado a fresco, com as paredes vestidas d'uma tapessaria de velludo carmesim com orlas de ouro. Longas cortinas da mesma côr interceptavam os raios do sol, não deixando filtrar senão uma luz meiga e diaphana. Imaginai em molduras magnificas, muitos desses espelhos gigantes-cos, que grangeavam a Veneza, tanta reputação e dispersos sobre uma mesa de marmore preto, uma myriada desses objectos mimosos, de que ainda hoje se acercam as mulheres elegantes. Pequenas estatuas de ouro e prata, marfins sinzelados, vasos de Benvenuto Cellini etc. etc e sobre tudo, ideai se vos é possivel a figura deliciosa da joven que reflectia um novo encanto sobre estes esplendidos ornatos. Helena era alva qual uma açussena e pallida, dessa pallidez dourada peculiar ás Italianas e Hespanholas. O nacarado de seus labios contrastava d'um modo encantador com a carnação delicada de seu rosto, Se quereis formar uma idéa exacta desta Italiana arrebatadora, ideia Veneza, e pedi que vos mostrem na

galeria do palacio de *Santa Croce*, o retrato d'uma joven trajando lucto. Sobre a moldura deste quadro deparareis duas lettras, H. C. A primeira destas lettras, logo se advinha, quer dizer Helena.

— Então; por aqui, meu caro senhor! disse ella, estendendo a mão ao mancebo. Sim, minha querida, respondeu Jorge, levando essa mão a seus labios; vinha perguntar-vos, quando fareis um rei de vosso escravo, um bemaventurado de quem tanto soffre de vossos rigores. — O que quer dizer, não é assim, em termos menos poeticos; quando Helena Fornasari se tornará baroneza de Chivri.

— Como vos aprouver, prefiro porém minha primeira idéa. Emfim, Helena respondei quer á minha questão, quer á vossa, e comtanto que digais: Quanto antes! Jámais palavra encantadora aditou minha alma. — Hesito, e muito! replicou joven com um sorriso malicioso. — Hesitaeis! Exclamou Jorge, estremecendo. — Sim. — Duvidais então de mim? — Por modo algum. — Então? — E' que me será preciso deixar de ser Italiana. — Sereis Franceza, a França ganhará com isso e vós nada perdereis. — Renunciar á minha bella Veneza! — Para habitar o meu bello Paris! — Resignar as Gondolas! — Tereis cavallos. — A's serenatas! E, esperai, ainda hontem á noute justamente... — Hontem á noute? — Um galante musico veio debaixo de minha janella... — Acabai, Helena! Por amor de Deos, acabai! — Jurar-me. — O que? Que me amava até o delirio! — Insolente! — Murmurou Jorge affagando involuntariamente os copos de suas espadas. E quem foi o ousado...? — Oh! meu Deos! Não sejais ciumento por tão pouco. Não passa de Camillo Cavalcanti: — Elle este fatuo deshonorado, esse devasso crivado de dividas. — Dizem, *mio caro*, que a belleza é como sol, que brilha em todo o mundo. Depois, Camillo é mais galante do que vós, porque canta debaixo de minhas janellas, de noute, entretanto que desde que pretendeis amar-me... — Pretendeis... a palavra é dura! — Desde que me amais se assim o quereis, não me haveis dado uma sequer pobre serenata. — E' porque não é costume em França — Nós estamos em Veneza. — Pois bem, amanhã repararei minha falta. — Eu vos perdoarei, — Porém Helena, eu vos rogo, fixai o dia de nossa união. — Fallaremos, disso, mais tarde. — E porque não já? — Porque me não convem! Eis uma excellente razão. Assim pois, adeos e não esqueçais a serenata!

E Jorge de Chivri deixou sua despozada.

(*Continua*).

POESIAS.

Lagrimas.

A MEU IRMÃO

J. Rodrigues de Xavier Pinto.

Somos orphãos, sobre a lousa
Em que nossa mãi repousa
Não poderemos orar;
Ambos proscriptos, errantes
Da terra natal distantes
Só poderemos chorar!

Chorar, sim, e ao nosso pranto
Juntar luctuoso canto
Por nossa mãi que morreu;
Aos Céos erguer uma prece,
E resignados, que cesse
D'uma vez o pranto meu.

O pranto do filho querido,
Que verto e tenho vertido
Por ella, por nossa mãi...
E' uma dôr atroz, pungente
Que toda a vida se sente
E que outro igual não tem....

E pensar n'este momento
Que não pude o passamento
A seu lado acompanhar;
Dizer-lhe o ultimo adeus,
Receber dos labios seus
Expressões de consolar!...

Ver sua fronte curvar-se
Ante a morte, e resignar-se
Aos decretos do Senhor,
Rodeal'a de carinhos
E chorar com os filhinhos
No meio da nossa dôr!...

Nada d'isto nos foi dado,
E teremos no passado
Esta atroz decepção;
Este dia d'amargura
Que nos imprime a tristura
Com prantos do coração

Ai! que o pranto vem agora!...
 Pois choremos, muito embora
 Por nossa mãe que morreu;
 Té que a sorte mais propicia
 Nos favoreça a primicia
 Ir depor no tumulto seu.

Somos orphãos, sobre o lousa
 Em que nossa mãe repousa
 Não poderemos orar;
 Ambos proscriptos, errantes
 Da nossa terra distantes
 Só nos resta ella chorar!....

Rio 10 de Outubro de 1856.

ANTONIO XAVIER RODRIGUES PINTO.

Um gemido.

Soltai-vos lyra queixosa
 Mui chorosa
 Que tanto, tanto padêço!...
 Não conhêço
 Dentro do peito alegria,
 Mas um dia
 Me raiará de ventura,
 E tristura;
 Ai! então não mais terei!..
 Gozarei
 D'uma sorte mais amena,
 E de Emmaena
 As saudades levarei,
 Morrerei
 N'esse dia mais contente,
 E ridente
 Finarei, lyra comtigo,
 E comigo
 Soltarás alegre canto,
 Até quanto
 A nossa alegria der!.....

Rio, 12 de Setembro 1856.

DIOCLECIANO DAVID CEZAR PINTO.

Egas Muniz.

Vendo Egas que ficava fementido
 (O que d'elle Castella não julgava)
 Determina de dar a doce vida
 A troco da palavra não cumprida.

CAMÕES, LUS: CANTO III.

I.

Não ha no mundo uma terra
 Como o nobre Portugal,
 Que na paz, ou dura guerra,
 Tenha sido a elle igual;
 Espantou o mundo inteiro
 Com a espada de guerreiro,
 Com o zello de christão,
 E foi lá na India immensa
 Arvorar a fé e a crença,
 Ao ribombo do canhão.

Victorioso dos Mouros,
 E Castelhanos rivaes,
 Foi colher inda mais louros
 De Centa nos arcaes;
 Vede esse intrepido Vasco,
 Que, embarcado em fragil casco,
 Das iras do mar zombou
 E dobrou da Boa-Esp'rança
 Esse cabo, que bonança
 Nunea junto a si gozou.

Vede Albuquerque, o luzeiro,
 Que o Oriente inunda de luz,
 A patria augmentar guerreiros,
 Domando Goa e Ormuz:
 Lêde essas nobres façanhas,
 Que o mundo encheram tamanhas,
 Em altisonas canções;
 Lêde a immortal epopéa,
 De amor da patria tão cheia,
 Lêde Luiz de Camões.

Porém não é essa a gloria,
 Que eu quero cantar aqui,
 Mas uma acção, que na historia
 Outra igual não tem a si;
 Não são os feitos valentes,

Que legam aos decedentes
O nome de quem os fez;
Tem outro fim o meu canto,
A lealdade descanto
De um fidalgo Português.

Haverá um gosto mais nobre
Para o luso trovador,
Do que esparzir flôres sobre
A lealdade e o valor?
Não ha, não... Uma capella
Trançarei muito singella
Para a patria ir offertar;
E simples... não tenho pejo,
Se fará como desejo
Então seria sem par.

II.

Desponta apenas na terra
O Reino de Portugal,
Já Leão lhe traz a guerra
Com força descommunal;
Em debil muro encerrado,
D. Affonso está cercado
Na villa de Guimarães;
Tem a sorte decidida,
Venderam bem cara a vida
Soldados e capitães.

Mas não pensa d'esta sorte
O valente Egas Muniz,
E quer livral-os da morte
Para bem do seu paiz:
Affrontando um grande p'rigo,
Vae ao campo do inimigo
Sem mostrar sua tenção;
E apenas lá foi chegado,
Pede ser apresentado
A Affonso Rei de Leão.

E' concedida a licença,
Na tenda real entrou,
Do Leonez na presença
Sem baixeza se inclinou;
E mostrando no semblante
Não vir como supplicante,
Antes vir a aconselhar,
Ao Rei, de nobres cercado,
Seren e desassombrado,
Assim começa a fallar:

—«Para que são estas guerras,
Rei de Castella e Leão,
Que vindes trazer ás terras
De outro principe christão?
Ambos fieis e parentes,

Quereis aos Mouros descrentes
Estes exemplos mostrar?
Quereis odio fraticida,
A custo de sangue e vida,
De dous povos sustentar?

« Quando do accaso ao nascente,
O malometismo, de pé,
Ameaça riscar, valente.
D'este munto a Santa fé,
Vós que devieis unidos
Combater contra os descridos,
Que seguem o Alcorão,
Vós, de Jesus os soldados,
Quereis antes ser manchados
Com puro sangue christão?

Deixai depressa esta terra,
Que sem piedade assolaes,
Vosso poder não aterra
Os seus bravos naturaes;
Se desdenhais insolente
Esse muro inda nascente,
Que defende o Portuguez,
Vede ahí essas batalhas,
Que ganhamos sem muralhas,
S. Mamede e Val-de-Vez...»

Parai! Parai! (assomado
De Leão atalha o Rei)
Em quanto não for vingado
D'este reino não irei!
Só se trazeis a mensagem
De render-me vassalagem,
Em signal de sujeição;
Se jurais que vosso infante
Comparecerá perante
Minhas côrtes de Leão. «—

Isto ouvindo o cavalleiro,
A nobre cerviz dobrou,
De seu olhar o luzeiro
De tristeza se toldou;
Depois diz, de pejo cheio.
—«Senhor Rei, já que outro meio
De poupar sangue não ha,
Hade o infante obedecer-vos
Hade homenagem render-vos,
E a vossas côrtes irá.»—

(Continúa).